

SESSÃO SOLENNE

EM MEMORIA DO PROF. SARMENTO LEITE

A Faculdade de Medicina, tributando homenagens ao seu emerito ex-director, realizou no trigessimo dia de seu fallecimento uma sessão funebre solenne.

Nesta occasião foi inaugurado na sala da "Congregação" o retrato do grande morto, proferindo o discurso official o *Prof. Moysés Menezes*, cathedratico de "Anatomia Descriptiva." Respondeu, agradecendo, o *Prof. Sarmiento Leite Filho*, cathedratico de "Clinica Medica"

Oração do Prof. Moysés Menezes

Exmo. Sr. representante do Governador do Estado.

Minhas Senhoras. Meus Senhores.

Quem sempre andou á margem dos actos officiaes comprehende a responsabilidade de quem consentiu em ser investido da tarefa de fallar a este auditorio, que vem assistir a mais uma prova de carinho tributado ao Mestre Sarmiento.

Quem acompanhou as pompas funebres e recebeu na partilha o seu quinhão de pezares, quem velou naquella noite acerba e pungente que dominou nesta

casa, daria, de bom grado, por terminada a apologia.

Mas a praxe manda e aqui mais que em qualquer outro caso, seja ella cumprida, para que se viva em conjuncto, embora, tristemente, um pouco mais ao lado deste homem a quem a Faculdade de Medicina tanto deve.

Quando naquella manhã dolorosa quizeram me commetter o encargo de dizer adeus ao velho Mestre, recuei. Não era o temor á responsabilidade, senão o desconfiar de mim pela brutalidade do facto.

O mais velho alumno iniciado nesta Faculdade e o primeiro a levar para longe a fama de Sarmiento Leite, o primeiro que d'aqui se transferiu e o primeiro que se diplomou, voltando a trabalhar junto do Professor, na clinica e no magisterio, aqui está, cumprindo com o seu dever.

Quando a vida passa cheia de encantos e de predicaos farta, tudo é facil para os que têm de cantal-a, pois brota á flôr dos labios a grandeza de uma alma que foi pura e corre em cascata a corrente de um espirito que foi luminoso.

Com o velho Sarmiento tudo isto.

Cantaram uns a grandeza moral de quem nunca tergiversou, na vida; outros entoaram hymnos á bondade de quem sempre foi generoso, e phrases valendo

por um clarim, tocaram a reunir tudo que é grande na creatura e tudo como em veneravel conselho se reuniu.

Surgiram todas as virtudes e cada uma se identificou com o Mestre. Depois todas abalaram junto, levando-o para a gloria.

Tudo foi dito e para mim nada sobrou.

Acudiram todos na soffreguidão de servir e, ambiciosos de bem servir-o, nada sobejou.

Invadiram os campos que elle semeara de bens e de virtudes e tudo colheram. Tudo ficou raso: flôres e hastes trouxeram junto, e, quando eu lá cheguei para buscar tambem, nada mais havia, sinão um canteiro de saudades.

Tiraram tudo, velho Sarmento, que a tua mão produziu e o teu cerebro gerou. Mas tudo era teu e tudo devia voltar a ti e seguir contigo o teu destino. Por isto devolveram para que levasses para o teu sacrario a belleza da tua alma, a grandeza do teu cerebro e a generosidade do teu coração.

Mas aquelle canteiro que lá encontrei ao lado das tuas virtudes, ficou. Tu não foste quem o plantou: nasceu das prendas do teu eu, com flôres sempre novas, orvalhadas pela lembrança e nunca se cressarão ao sól do esquecimento.

Mas para que dizer mais si aquella alma se comprazia com as cousas simples e o repetil-as, talvez, lhe cause damno.

Guardemos de cór as orações que disseram e cultivemos aquelle recanto de flôres eternas.

Não te dei até hoje o meu adeus final, porque para mim ainda vive o teu espirito, que não morre, sobranceiro ás miserias da vida.

Naquella tarde de tristezas e de semblantes bruscos, quando levavamos o teu corpo para a sala que tanto illuminaste com os teus actos de inexcedivel visão, senti algo de extranho ao passar pelo teu busto de bronze. Uma força occulta

e dominadora se apoderou de mim e pareceu-me, então, assistir á divisão da tua personalidade. Uma energia sem par arebatara numa rajada uma parte do teu corpo e que ficava para traz. Compreendi: era o teu espirito, Mestre, que se incorporava já ao bronze, que lá está no topo da escada, para a contemplação e um enlevo quasi mysticos.

Ali no esquife era tão só a materia que levavamos, esta materia que tantas vezes nos ensinaste a dissecar e que em todos é despojo sagrado.

Para traz ficou a gloria e ficou o espirito; ficou a grandeza do character e a bondade do coração. Ficou a serenidade do justo e a cultura do Mestre. Ficou mais do que tu foste e mais do que somos, porque a materia que voltou ao seio da terra, descrevendo a curva fechada do cyclo da vida, foi substituida pelo bronze vibrante do artista, bronze que te fará eterno, para cantares a grandeza desta casa no poema da tua vida.

E tu, lá no topo da escada, olharás de frente para a mocidade que aqui chegar, em busca de uma nova era, e lhe dirás que chegar a ti é facil, é seguir a direcção da linha recta, a trajectoria que traste.

Lá poderás dizer aos que d'aqui forem cheios de ambição de gloria, depois de seis annos de cogitações, que a estrada a seguir é a mesma que palmilharam desde o limiar da porta mestra desta casa até a columna que suporta a tua nova vida: sempre a recta.

Aos moços cheios de talento e de saber, fructos das tuas lições, e que aqui esplendem, aos velhos, como eu, de cabellos desbotados pelo tempo, não indicando sabedoria, mas amor ás cousas sagradas e ás cousas puras, dirás que lá está na sala de congregação o velho Sarmento.

A tua figura será para nós como uma

reliquia guardada no coração dos teus alumnos.

Tu foste tudo o que a Faculdade entendeu exigir de ti na mocidade e na velhice.

Sempre para ti a Faculdade.

Vejo naquellas paginas cheias de pureza que o puro Herculano traçou alguma cousa da tua vida. Foi nos teus ultimos instantes. Já não articulavas mais palavra e começavas o teu grande somno, sem duvida sonhando. Trabalhava o cerebro e o coração tambem: os dois companheiros que te fizeram grande. Tudo mais já tinha marchado para o grande destino. Do cerebro, num arranco derradeiro surgiu o teu ultimo pensamento: "Onde está o alumno reprovado?".

E eu que a teu lado acompanhei os teus ultimos decenios, tão cheio de bondade e de tanto amor pela mocidade, comprehendendo o que estavas a dizer.

Era a revolta contra a reprovação, que não comprehendias mais, pelo amor a todos os teus alumnos — os bons e os máos.

Nesta phrase com que encerraste o ultimo capitulo da tua historia, voltaste os olhos da alma para a figura da Faculdade e foste como o cavalleiro negro e foste como o gardingo. A' tarde, nos cerros do Calpe, perdia-se a ver a figura angelica da creatura que a impiedade humana lhe roubára e, á noite, dentro da clausura compunha os hymnos sagrados que deviam mais tarde reboar pelas velhas cathedraes.

O amor o fizera desgraçado, porque até na propria hostia do sacrificio sempre ella, sempre aquella visão derradeira.

Até no remate da vida, Mestre Sarmiento, os teus olhos viram a Faculdade. Sempre ella, sempre esta visão. Mas tu foste um feliz. Não te perdeste no terreno escarpado da montanha que subiste glorificado, nem se perderam os

hymnos que compuzeste. A tua lyra afinou pela gratidão desta casa.

Versos de um grande poeta eu cito: "*Si lá no ethereo assento onde subiste, memoria deste mundo se consente*" fazes, Sarmiento, a ronda dos homens e verás que tudo que te disseram foi a verdade, pois a mocidade e a velhice não mentem ao Mestre. Si alguma ovelha do teu rebanho se tresmalhou, perdôa como o meigo Nazareno que morreu pelos homens com o dorso numa cruz.

Ahi está como reliquia e ahi fica como um legado a tua insignia. Todo purpura e arminho. Tem a côr do sangue rutilante e a alvura da neve. Não é um trofeu, porque não veio de mãos inimigas e não tem uma só mancha da lagrima de um vencido.

Resplandece como o bom sangue que o teu coração impelia a todos os recantos da Faculdade, para fazel-a sempre fôrte e é de contorno branco como a tua alma todo branca.

Esta pequenina capa que ahi está é para nós como um palio immenso. Cresceu no nosso espirito e, como abobada celeste, vai nos abrigando a todos, as teus velhos alumnos e os teus alumnos moços. Todos os que d'aqui sahiram têm agasalho neste manto que foi tecido pelas mãos do artista e no teu corpo, espiritualmente, foi collocado por mãos amigas.

Não traduz uma mentira, nem lembra uma traição. Foi honraria na vida e exprime louvores no teu eterno retiro. Nasceu do teu esforço e do teu valor. E' para nós a expressão de uma verdade que se não confunde e de um triumpho que se não esquece. Quizemol-a para nós como um exemplo do amor, da fé e da perseverança e guardamol-a como testemunho de gratidão.

Foste o que ella nos diz e, agora que a tua voz não resôa neste templo de trabalho, cabe a nós conserval-a para que

nos falle do que encerra de grande e elevado.

Sahiste de uma vida começada hontem para entrarestes noutra que não tem fim. Ouviste na primeira os hymnos que entoamos e agora o teu espirito sempre alerta acompanha os novos canticos.

Quanto foram verdadeiras as homenagens das outras vezes e quanto as de agora são verdadeiras.

Nenhuma mentira e nenhum Judas a trahir-te. O teu merito teve o seu premio e o teu premio te fez meritorio.

Este brasão que aqui guardamos vale mais que um compendio, descrevendo a tua vida inteira, porque o pensamento, divagando sobre elle, vai longe, muito mais longe que a penna póde alcançar, e, cansado e velho, se tornará forte e moço, refeito pela grandeza deste pallio immenso que abriga todas as ovelhas do teu rebanho e alguma que o infortunio tenha dispersado.

Nunca redimiste uma culpa, porque não roçaste sequer as misérias humanas e nunca alma daminha se lembrou de te tocar de leve.

As tuas paixões foram as da alma por si boas, e a profunda sabedoria de Descartes, então, divorciada do estoicismo, aqui veria quanto em ti ellas se libertaram dos males que accomettem a propria alma.

Não conhecestes esta modalidade da paixão que é o odio, pois a trocaste pela tristeza que despertava em ti o infeliz que gera o proprio odio.

O teu scepticismo não foi alem da apparencia, porque no fundo premiavas os bons, perdoando sempre os máos.

Quizeste ser grande entre os maiores desta escola e o foste, bem comprehendendo a philosophia de Nietzsche, quando nos ensina que o querer ser é tudo.

Tudo foste aqui. De começo o rigor do julgamento ao serviço da justiça, que approximava de ti os alumnos em vez de

os afastar e depois, quando o vendaval passou pela Faculdade, tentando a derrubada impiedosa da obra de tantos esforçados, tu soubeste, ao lado da figura austera de Serapião Mariante e da cultura ingente de Olinto de Oliveira querer, e conseguiste que se erguesse mais alto o cimo da columna por onde se escoam, agora, as ondas do affecto que partem em todos os sentidos á tua procura, espalhando o que pensamos de ti.

Ahi estão, auditorio illustre, as palavras que em nome da Faculdade de Medicina, eu devia dizer ao Professor Sarmiento, que nos vê, não com os olhos da face mas com os da propria alma.

Não me conturba o entendimento como não me abateu a responsabilidade do acto que agora celebramos.

Diante do representante de Deus na face da terra não se envergonha o crente de confessar as suas misérias e supplicar o seu perdão. Diante da alma que sei superior não vacillo em dizer, rompendo, sem temores, com velha praxe, que andaram bem os da Faculdade, mandando eu orar em nome della, eu o velho alumno, o auxiliar e seu substituto pelas contingencias da lei.

Sabiam elles que dos meus labios não sahiria a belleza da fórmula nem o fulgor da eloquencia, mas confiavam em mim pela certeza de que eu faria passar por aqui o perfume de uma saudade que não morre.

Tudo isto, meu caro Mestre Sarmiento, foi um mandato.

Agora mais um pouco, como velhos amigos, como naquelles tempos em que me ouvias.

O teu jubileo eterno não desmantelou o curso das nossas aulas que continúa sempre o mesmo. Bem sei que nunca desertaste os deveres e deste exemplo que ficará como um marco do quanto foste regular nos teus ensinamentos.

Creio ainda na tua bondade, como

creio na dedicação que esta casa te vota.

Creio no que foste e me inspiro no muito que ainda serás, para te dizer que amanhã como sempre, conto contigo nas minhas aulas, que passarão a ser as nossas aulas.

Não morre a matéria e, quando volta á terra, é para surgir em nova modalidade. Lucta incessante, eterna, mas sempre a mesma. Aqui um corpo que cahe e ali outro que se levanta, para de novo tornar ao pó.

Volta á crosta da terra o grande e o pequeno, o sabio e o nullo. Tudo se modifica, mas tudo volta. Tudo que foi matéria desce para a força modificadora da natureza erguer sob a fórma de um genio ou de uma mediocridade, no perfume de um lyrio ou na belleza de outra flor.

Mas uma cousa não desce com o homem e fica em cima da terra, quando

este homem dominou pelo cerebro, quando triumphou pelo espirito. E' o proprio espirito do que foi grande e que não pôde morrer.

A terra nivela os homens, os deformando e os homens classificam os espiritos, os premiando.

Os grandes são condemnados a um trabalho eterno e não repousam, conduzindo, eternamente, a humanidade.

Foste grande para que não descances, continuando na tua missão.

Para diante e para o trabalho, Mentor da Faculdade. Não ha tempo a perder e a mocidade nos espera. Debaixo deste grande pallio marcharemos todos, cantando a tua gloria e engrandecendo esta casa que é um pedaço do Rio Grande. Rumo ao trabalho todos nós, mas tu também, para que em nome dos nossos eu possa te dizer: Até amanhã, Mestre Sarmento.

IN MEMORIAM

Allocução proferida pelo professor Sarmento Leite Filho na sessão fúnebre solemne promovida pela Faculdade de Medicina em homenagem á memória do saudoso Prof. Sarmento Leite, no dia 24 de Maio p. p., trigésimo dia de seu infausto trespasse.

Senhor representante do Governador do Estado. Minhas Senhoras. Illustrados Professores. Caros Acadêmicos. Meus Senhores.

Quiseram os fados adversos e maus que, nesta hora, tão cheia de emoções e de tristeza, falasse eu, ao lado de meus pares, para exaltar também, em sentidas nênias, a memória de um morto idolatrado — meu saudoso e muito amado Pae!

Neste momento, mais uma vez consagraes a obra ingente de Sarmento Leite; rendeis

preito aos lances varonis, recordando-lhe a existencia austera e pura.

Em uma luminosa manhan de dezembro, glorificastes em vida, nóbres collegas, a actuação singular de Sarmento Leite neste templo de sciência, que elle tanto quis, honrou e engrandeceu!

Prestastes, no dizer dos doadores, "*a menor das homenagens á maior das dedicações*", inaugurando-lhe o busto em bronze no saguão desta Escola, a que "*se consagrou de corpo e alma*", fazendo-o, assim, passar para o mundo das estátuas, quando já de ha muito, pela gratidão, vivia galvanizado em nossos corações!

Foi o dia triumphal do velho director; com lustre e honra, encerrava-se o cyclo de sua vida administrativa...

Hoje, no trigésimo dia de seu infausto e

inesquecível trespasse, tributaes novos louvores ao nome sacrosanto de meu venerando progenitor.

Neste augusto recinto, onde, qual oráculo, pontificou tantos lustros e onde viveu annos a fio em incessante romagem de amor, sacrificio e dedicação, alçaes bem alto sua effigie patricia, como a apontar aos porvindouros dignificante exemplo de estóicas virtudes, symbolo votivo de voluntária renúncia e desprendimento sem igual...

Egresso do nosso convivio, perdura, com-tudo, em nossa saudade.

Redivivo, paira sobre nós, em espirito, a nos proteger e alentar, nume tutelar e bem-fazejo que o foi, durante vinte annos de porfiadas lutas.

Meus senhores.

A vida de Sarmento Leite é um livro aberto onde, em cada capitulo, se auferem grandes ensinamentos e se apprendem preciosas lições; é evangelho de civismo, código de moral e de honra.

Heróico até ao sacrificio, abnegado até á renúncia de si mesmo, sua alma abroquelada por salutar estoicismo, sabia, por isso, resistir sem abater-se, aos maiores tufões da sorte, aos maiores vendavaes da desfortuna e da gélida realidade ambiente.

Foi um forte, um puritano.

O maior elogio que se lhe possa fazer da vida, transluz de sua autobiographia franca, sincera, traçada, ha 17 annos, ao dobrar meio século de existencia.

Assim escrevera:

"Amei e respeitei sempre a meus Paes e até agora me serve de estalão a vida immácula que elles passaram.

"Casei, constitui familia, procurei, do melhor modo a meu alcance, educar moral e intellectualmente meus filhos, e ninguem mais do que eu tanto quis a sua mulher e seus filhos.

"Marido, raros igualar-me-ão.

"Pae, ninguem me excederá.

"Filho, não invejo nenhum.

"Medico, fui sempre fiel, sincero e leal ás tradições hippocraticas.

"Homem, a honestidade, a dignidade, a nobreza pautaram sempre todos os meus actos.

"Nunca fiz mal a ninguem, a todos todo o bem que era possivel; generoso, benévolo para com os fracos; tolerante, firme para meus iguaes; intransigente, altivo para com os fortes.

"A justiça, a lei, a imparcialidade foram os traços predominantes de meu carácter, recalcando sempre as expansões do coração.

"Por tudo isto, talvez, não fui bem comprehendido, não fui devidamente apreciado e muitissimas vezes meus actos desvirtuados.

"Não offendi nem offendo a ninguem; digo com coragem a verdade."

Eis, em phrases lapidares, sua singela e leal profissão de fé.

Ha, em minha vida académica, um episodio edificante a realçar a rigida tèmpera de aço de que era forjada a personalidade austera de meu Pae.

Cursava eu o 4.º anno medico, sendo interno da então 5.ª Enfermaria, hoje Enfermaria Prof. Sarmento Leite, dirigida por meu progenitor.

Nessa época regia elle interinamente a cáthedra de Clinica cirurgica, proferindo sábias prelecções e luminosos conceitos, profundos e inolvidáveis.

Procede-se, um bello dia, por ordem de chamada, a distribuição dos doentes para as observações regulamentares.

Sendo um dos últimos da lista, não sou, na occasião, contemplado.

Dõe-me tal facto, pois na ingenuidade do verdor dos annos e consciente dos preconceitos sociaes sempre reinantes, julgava que, por ser filho, teria a primazia e o melhor quinhão.

Na intimidade do lar, queixo-me do que, a meu ver, parecia uma injustiça.

Sem alterar-se, com a serenidade de um santo, meu Pae pondera: "Não tens razão.

Na enfermaria não vejo em ti o filho e sim apenas o discípulo, em tudo igual aos outros, com os mesmos direitos e idênticas obrigações. Tua vez, também, ha de chegar”.

Calaram-me fundo na alma a sensatez e a sabedoria enorme de taes palavras, servindo-me de norma de futuro proceder.

Assim era meu Pae, assim o foi em todos os instantes de sua vida, firme, recto, imparcial, justo, pouco afeito a vãos exhibicionismos sentimentaes.

Quando se tratava de fazer justiça, não olhava amizades, sopitava affectos, suffocando expansões do coração, para só encarar o direito de outrem e premia-lo, quem quer que fosse.

Bello e dignificante exemplo, sublime lição de moral esquecida por muitos que, em todas as eras, sacrificam, não raro, os direitos alheios pelos interésses mesquinhos do filhotismo nefasto.

E' tendência actual aconselhar aos velhos o abandono das posições para occupa-las os moços, como se a esses sobrassem as qualidades e virtudes que, por ventura, naquelles escasseiam.

Não indago da excellência ou da incongruência desta praxe.

Nem tão pouco intento fazer o “Elogio da Velhice”, exaltando o valor da senectude.

Com sobeja autoridade já o fez Mantegazza; com bastante acerto já o fizeram outros muitos, provando, á saciedade, que, não raro na madureza das estancias da vida e até na idade propecta, surgem obras primas do engenho humano na litteratura, nas artes, na pintura, música, sciências, emfim em todos os ramos da actividade humana.

Valha-me, apenas, a asserção para conclamar que meu Pae em plena lucidez de espirito, muito embora já physicamente alquebrado pelo pêso dos annos, pelas fadigas intensas, innúmeros dissabôres, desenganos e desillusões que a cada passo o salteavam,

trabalhou até quasi o derradeiro bruxolear da vida.

Combalido já pela doença que o minava e depois o prostrou, comparecia, assiduamente, no cumprimento do dever, ás fainas escolares até quanto poudes de pé resistir.

Como o roble vetusto e secular da floresta, só tombou ao golpe certo e mortal da ceifadora cruel.

Legou, assim, aos seus, enorme patrimonio moral, que se ha de guardar e cultuar; admirável e nobilitante exemplo de coragem, de contracção ao trabalho e apêgo aos compromissos assumidos.

Procedendo dest'arte, fez jus ao conceito veridico de um philosopho francês que, ao referir-se aos deveres e responsabilidades dos anciãos, alhures sentenciava: “O homem deve continuar trabalhando como se fôra immortal, ainda que soubesse ter de morrer no dia seguinte.”

E, no mesmo sentir, Goethe dizia: “O velho deve fazer muito mais do que o moço”.

Todo o ideal da vida de meu Pae se engastava no sonho de sua mocidade e no último lampejo de sua velhice veneranda: a Faculdade de Medicina.

E' elle quem o diz em outro trecho de suas memórias: “Concorri para a fundação da Faculdade de Medicina, sempre a amparei como me foi possível e quicá a consolidei nos últimos tempos.

Nella gastei toda a minha energia de moço, pois ahi comecei aos 30 annos; por ella abandonei todos os meus interésses individuaes, pois todo o tempo de que dispunha consagrei ao professorado; os maiores e os mais ingentes sacrificios fiz e faço para conserva-la”.

Teve a satisfação immensa e o immenso consólo de ver transformar-se em brilhante realidade a sua illusão fagueira e deixar consolidada e próspera a nossa querida Escola.

Emerson, o grande escriptor norte-americano, focando o destino do homem neste mundo, assim se expressa: “O alto prêmio da

vida, a fortuna final de um homem é haver nascido com tendência para algum objectivo no qual encontra preocupação e felicidade.”

Na belleza e na elegância deste preceito se emmoldura toda a nobreza e finalidade da existencia de meu progenitor.

Depois da familia, que tanto o preocupava e a quem tanto amou, foi a Escola o seu maior orgulho, seu tesouro, seu galardão, sua felicidade.

Pelos brios de sua tutelada, pelo pundonor de *sua filha mais velha*, Sarmiento Leite offereceu em holocausto sua vida inteira, esvaziou todo o seu sangue, esgotou as últimas energias, devotou o cérebro, empenhou a alma, consagrou o coração!

Ainda nas angústias da morte, nos derradeiros clarões da consciência tremulante, já no limiar da eternidade, era sempre a Escola, que tanto ennobreceu e pela qual deu tudo o que tinha e de que podia dispor, a idéa dominante a acabrunha-lo e a extasia-lo.

Viveu por ella; por ella morreu!

Preclaros collegas e nobres académicos.

As sinceras, significativas e excepçionaes homenagens tributadas á memória de meu Pae, proclamam bem alto o immenso aprêgo em que o tinheis e a profunda mágua de o perder, submerso nos mystérios insondáveis do Além-tumulo aquelle que, como já disse alguem, “*foi o maior obreiro do engrandecimento do ensino medico no Rio Grande do Sul*”, pois firme, resolutivo, intransigente sem-

pre pugnou pela moralidade, pelo prestigio e pelo decoro da profissão.

Revivo, agora, com profunda commoção, a manhan luminosa e radiante mas ensombrada e lúgubre para nossas almas, em que, transposto o pórtico desta casa, após elegias sentidas, carinhos e afagos á sua memória sacrosanta, lá se foi, por entre demonstrações unânimes de pesar, envoltos no mesmo luto mestres e alumnos, o corpo exangue do lutador tombado, em demanda do eterno repouso, levado em apothéose deslumbrante, em glorificação commovedora, nos braços desta mocidade altiva, heróica e sincera, sempre prompta a desagrarar o Mestre dos aleives recebidos, a quem elle tanto quis e por quem tanto se dedicou.

Agradeço enternecido e do intimo d'alma a todos quantos, docentes e discentes, amigos e admiradores, irmanados no mesmo sentir e entrelaçados no mesmo pesar, enalteceram e exaltaram, em preito de amizade e veneração, a memória e a obra meritória de meu inesquecivel Pae, trazendo-nos assim valioso conforto e solidariedade em tão acerba e atroz dor.

E, como testemunho de eterna gratidão e profundo reconhecimento, pedimos que acceitem a offerenda singela mas expressiva de nossos doridos corações.

Senhores. A vida de Sarmiento Leite foi doloroso calvario; sua morte gloriosa resurreição!